



**ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA NO SERVIÇO SOCIAL:
educação transformadora do profissional de serviço social**

**ETHICS, AESTHETICS AND POLICY IN SOCIAL SERVICE:
transforming education of the social service professional**

SOUSA, Esdras Wagner de¹
FASSHEBER, Daniela Monteiro²

“A ética é a inteligência compartilhada a serviço
do aperfeiçoamento da convivência.”
(Clóvis de Barros Filho)

RESUMO

Esse trabalho pretende esboçar, resumidamente, como a pesquisa bibliográfica elaborada tem o intuito de rever as formas de como estética, ética, política, sociologia e filosofia no serviço social como um dos desafios da educação na transformação da conduta moral do profissional de serviço social conceituando sua liberdade até a resistência nas práxis da função. No entanto se faz necessário entender o que é ética na filosofia usando a ótica de Paulo Freire sobre ética, estética e educação, considerando-se sob a visão de Michel Foucault o tempo e as transformações no social, explicar os desafios de transformar a si mesmo em sujeito moral de sua conduta ética no uso da liberdade e resistência dentro do conceito de estética, ética e política onde, esses se juntam formando a identidade da profissão do assistente social que não deixa de ser também uma forma de educar com fundamentos teóricos basilares que desdobram na atividade prática desse profissional antropológico. Ética, estética, e política no serviço social: educação transformadora do profissional de serviço social tratada essa em Michel Foucault considerando-se o tempo com sua

¹ Graduação Técnica em Administração, IFES Campus Linhares. Graduação Técnica em Técnico em Informática Generalista, Escola Técnica ARTH Informática – Grupo ART THC, Itanhaém São Paulo. Graduação em Bacharelado em Serviço Social, UNIMES, Campus Santos, São Paulo. Pós-Graduado em Especialização em Ciência Política, ISEIB, Timóteo, Minas Gerais. Pós-Graduado em Especialização em Ciência da Religião, FAVENI, Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Pós-Graduando em Especialização em Sociologia, FASOUZA, Ipatinga, Minas Gerais. Pós-Graduando em Especialização em Serviço Social, FASOUZA, Ipatinga, Minas Gerais e exercendo a função de Recenseador em Designação Temporária (DT) no IBGE Posto de Linhares, Espírito Santo. E-mail: esdraswagnerdesousa.1981@hotmail.com.

² Graduada em Administração, Contabilidade e Fisioterapia, pela UNILESTE - Universidade do Leste de Minas Gerais, Especialista em Fisioterapia Dermato Funcional, pela Faculdade Gama Filho; Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família, pela Faculdade Única e especialista em Gestão e Estratégia em EAD, pelo SENAC/ SP. Conteudista. Coordenadora pedagógica da FASOUZA. E-mail: coordenadorapedagogica@faculdedefasouza.com.br.

subjetividade que abrange o sujeito ético-político no serviço social, ética e estética como filosofia política, ética, política e antropologia filosófica no contexto assistencial dentro da psicologia humanista articulada a antropologia filosófica que culmina no serviço social ético, político, além do abandono de incapazes, da vulnerabilidade social, dos descasos e mazelas, gênero e orientação sexual, o serviço social também aqui é tratado como questão de utilidade pública e didática-pedagógica disciplinar-educação.

Palavras-chave: Michel Foucault. Tempo. Subjetividade. Sujeito ético-político. Serviço social.

ABSTRACT

This work intends to outline, briefly, how the bibliographic research elaborated has the intention of reviewing the ways in which aesthetics, ethics, politics, sociology and philosophy in social work as one of the challenges of education in the transformation of the moral conduct of the social work professional conceptualizing their freedom to resistance in the praxis of the function. However, it is necessary to understand what ethics in philosophy is using Paulo Freire's perspective on ethics, aesthetics and education, considering time and changes in the social under Michel Foucault's view, explaining the challenges of transforming oneself into a moral subject of his ethical conduct in the use of freedom and resistance within the concept of aesthetics, ethics and politics where, these come together forming the identity of the profession of the social worker that is also a way of educating with basic theoretical foundations that unfold in the practical activity of this anthropological professional.

Keywords: Michel Foucault. Time. Subjectivity. Ethical-political subject. Social service.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto busca inspiração a partir de uma reflexão profunda na obra de Michel Foucault e Paulo Freire nos leva a pensar sobre a criação de uma pesquisa bibliográfica para revirar o presente que habitamos, colocando em questão os modos de produção de subjetividade majoritários. A analítica do presente se coloca como estratégia para escapar das formas já estabelecidas e produzir uma conexão com as forças do Fora abrindo novas possibilidades de criação e expressão mais

especificamente na atuação do assistente social.

Essa produção tem por objetivos gerais versar a contribuir e favorecer o papel digamos quase que metafísico realizado pelo profissional de serviço social colocando na prática as teorias que esse absorveu no contato com as disciplinas da área de humanas, mais exatamente no social, nas ciências sociais com suas subáreas e áreas afins ou correlatas, daí a proposta do título que abrange todas as pequenas áreas do conhecimento social como um apanhado formando uma grande e única área do conhecimento que dialogam entre si de maneira impessoal mas não menos formal que nos dá a sensação de estarmos envolvidos numa conversa onde enredo dessa tem característica de literatura poética e histórica de cunho científico.

Assim, os objetivos específicos concentram-se na problematização do presente que é também uma discussão sobre a construção social do sujeito e dos modos de existência, onde o encontro com o Fora abre a possibilidade de produzirmos territórios de autoria que façam da própria morte do Eu a possibilidade de emergência de um sujeito de ação, ético e político, que se reinventa e se constrói como autor do mundo e porque não dizer que esse sujeito ético e político pode ser nesse desafio que é escrever essa artigo, o assistente social com seus atributos, praticando o serviço social também, com seus atributos que lhes são característicos e indispensáveis.

A expressão desta ética se dá nas formas da estética, no resgate e na busca de todas as formas de expressão humana – sua beleza estética própria e o aprimoramento destas expressões. Assim, conforme nos apresenta Freire, a beleza não é privilégio de uma classe, mas uma construção compartilhada por todos, precisando ser conquistada a cada momento, a cada decisão, por meio de experiências, atitudes capazes de criar e recriar o mundo (1986) e fazendo do campo do serviço social uma profissão tipicamente humana.

Para Clóvis de Barros Filho (2014), a ética é a inteligência compartilhada a serviço do aperfeiçoamento da convivência, ou seja, a ética é útil se praticada por todos e para o bem de todos e fazendo do indivíduo uma pessoa melhor e o universo um lugar melhor para se viver, logo vê-se que ética, estética e política no serviço social: educação transformadora do profissional de serviço social relacionam-se e correlacionam- entre si.

2. DESENVOLVIMENTO

Se assim, nos permitir nossos nobres leitores, antes de entrar nos tópicos do desenvolvimento desse trabalho propriamente dito, queremos aqui fazer uma pequena abertura desse mesmo tópico, como se esse fosse uma nota de introdução de uma canção que com sua melodia que a caracteriza evidenciando o significado da letra da canção, assim vemos o serviço social em meio a tantas outras notas musicais na sinfonia da vida social, no coral das escolas de serviço social, nos conjuntos de conselhos, duplas de demandas sociais, trios de metodologias de trabalho, uma mesclagem de conceitos montando-se um mosaico entre os paralelos da realidade espacial, científica e literal-literária, (**Grifo nosso**). Ética, estética e política no serviço social: educação transformadora do profissional de serviço social seria adentrar-se em investigar essa área como um campo da educação enquanto profissão, bem como, educar o cidadão para estar apto a viver em sociedade (**Grifo nosso**).

Nas bandas de ações sociais onde esse profissional rege com maestria sua função sem perder o ritmo e o tom de voz, ou seja, um profissional ético, estético e político que expressa a beleza do serviço social como manda a doutrina: equidade a promover o acesso justo a serviços que são garantidos por Leis, Direitos e Deveres a um sujeito específico, um determinado grupo social, ou quem dele necessitar de ser assistido – a nossa sociedade com suas diversidades e demandas sociais advindas dos sujeitos e indivíduos complexos amparados de direitos e deveres, assim expomos a face real do serviço social que sente prazer em servir com qualidade e perfeição, despojado de rótulos, estigmas e preconceitos obedecendo à ética da legislação e seus códigos de condutas éticas e morais que norteiam a profissão e a vida harmoniosa em sociedade – sintonia (**Grifo nosso**).

2.1. O QUE É ÉTICA NA FILOSOFIA

Ética na filosofia é o estudo dos assuntos morais, do modo de ser e agir dos seres humanos, além dos seus comportamentos e caráter. A ética na filosofia procura descobrir o que motiva cada indivíduo de agir de um determinado jeito, diferencia

também o que significa o bom e o mau, e o mal e o bem. No serviço social a profissão bem como o sujeito que a exerce e o usuário, seu cliente que dela faz uso, são amparados e assistidos pelo código de conduta ética que regulariza a profissão bem como a conduz no desenrolar da mesma, ressalta-se que essa mesma ética advém dos primórdios filosóficos que embasam a prática do serviço social, sendo elaborado e supervisionados pelos conselhos regionais estaduais (CRESS) e federal de serviço social (CFESS), órgãos reguladores esse e fiscalizadores.

A ética na filosofia estuda os valores que regem os relacionamentos interpessoais, como as pessoas se posicionam na vida, e de que maneira elas convivem em harmonia com as demais. O termo ética é oriundo do grego, e significa “aquilo que pertence ao caráter”. A ética diferencia-se de moral, uma vez que, a moral é relacionada a regras e normas, costumes de cada cultura, e a ética é o modo de agir das pessoas.

No serviço social a ética que norteia essa profissão é ensinada como disciplina com fundamentos sociológicos e filosóficos, com eixos nas ciências sociais e humanas, também não deixa de possuir teor jurídico que legitima a profissão, bem como autoriza liberando e aprovando o curso de serviço social ofertado pelas instituições de educação superior, desde o começo do curso o estudante de serviço social já está tendo contato com a ética e seus códigos de condutas morais sendo assim, o graduando em serviço social chegará ao campo de estágio supervisionado obrigatória sabendo quais são suas responsabilidades éticas e será testado para ai então saber-se se está pronto para atuar como profissional formado em serviço social.

Para a filosofia clássica, a ética estudava a maneira de buscar a harmonia entre todos os indivíduos, uma forma de conviver e viver com outras pessoas, de modo que cada um buscasse seus interesses e todos ficassem satisfeitos. A ética na filosofia clássica abrangia diversas outras áreas de conhecimento, como a estética, a psicologia, a sociologia, a economia, pedagogia, política, e etc.

No serviço social no que refere-se as disciplinas que compõe a grade ou matriz curricular didaticamente e pedagogicamente falando-se, encontra-se disciplinas como ética, ciencias sociais, sociologia, filosofia, direito, legislação, política, psicologia, história, antropologia, teologia, religião, movimentos sociais, humanidades, cultura,

meio ambiente dentre outras, paramos nessa, para não sermos extensos e não fugirmos da proposta do título desse artigo científico.

Ou seja, os pilares teóricos do curso, são reforçados por assuntos dentro de temas que são a realidade da profissão e de caráter científico, assim legítima o serviço social como uma profissão que tem uma identidade própria formada dos cernes dessas áreas quando juntas essas compõe o serviço social como área de trabalho que exige formação qualificada com mão de obra formada e competente para exercer a mesma. Com o crescimento mundial e o início da Revolução Industrial, surgiu a ética na filosofia contemporânea. Diversos filósofos como Sócrates, Aristóteles, Epicuro e outros, procuraram estudar a ética como uma área da filosofia que estudava as normas da sociedade, a conduta dos indivíduos e o que os faz escolher entre o bem e o mal.

Atualmente a nível de Brasil, resumidamente falando-se, temos a Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (ABESS) que é composta por pensadores do serviço social que buscam incessantemente estudar a identidade dessa área de atuação bem como, as maneira de exercê-la com autonomia quebrando os tabus, preconceitos, estigmas e rótulos que foram criados ao longo do tempo para inferiorizar essa atividade laboral e que exige uma mão de obra qualificada no uso do raciocínio, da razão, da lógica, logo trata-se de uma profissão que faz o sujeito pensar, o intelecto, precisa de um ser pensante, isso evidencia que o profissional de serviço social vai demandar-se de uma forma de trabalho intangível, sua ferramenta de trabalho é o cérebro, da-se o nome de mão de obra intelectual.

Estética (do grego αισθητική ou aisthesis: perceber, sentir) é um ramo da filosofia que tem por objeto o estudo da natureza do belo e dos fundamentos da arte. Ela estuda o julgamento e as emoções estéticas, bem como as diferentes formas de arte, do trabalho artístico; ideia de obra de arte e de criação; relação entre matérias e forma nas artes; toda a realidade, de todos os seres.

Toda via, no serviço social que tem nos princípios da imparcialidade e equidade uma de suas ferramentas de trabalho, exige-se do seu profissional empatia e autuismo, isso quer dizer, que ele deve se colocar no lugar do seu cliente e sentir o que ele sente, deve conhecer a realidade desse indivíduo, estar a par de sua trajetória

de vida, mergulhar no histórico desse sujeito, sem deixar de ser si mesmo e nem menos profissional, sem perder a sua própria essência.

Ser metódico e não menos natural que seja ético e não menos justo, que mantenha com sabedoria e destreza o equilíbrio da demanda, que seja pragmático em saber separar os sentimentos em relação a razão, dizemos isso para que ele possa conhecer o cidadão e tomar a decisão adequada depois de ter sentido na pele os sentimentos do indivíduo.

2.2. ÉTICA, ESTÉTICA E EDUCAÇÃO: A ÓTICA DE PAULO FREIRE

Paulo Freire como referência desta breve síntese a respeito de Educação e Ética, com seu caráter humanista e militante, que tem servido para fundamento teórico de trabalhos acadêmicos e inspirado práticas em diversas partes do mundo, contribuindo para o seu reconhecimento nacional e internacional como um dos grandes pensadores do século XX, em algumas de suas obras, entre as quais; Pedagogia da Esperança, Educação na Cidade, Pedagogia do Oprimido e À Sombra Desta Mangueira, contribuiu para o estudo das condições objetivas oferecidas pela sociedade à formação integral do sujeito.

Para Freire a educação deve ter uma visão global do aluno, com sentimentos e emoções, tornando relevante o estudo das dimensões ética e estética. A prática e a teoria freiriana, fundamentam-se em uma ética inspirada na relação "homem-no-mundo", ou seja, estar no mundo, e na construção de seu "ser-no-mundo-com-os-outros", isto é, ser capaz de se relacionar com as pessoas e com a sociedade (FREIRE, 2001c).

Freire (1986), contudo, chama a atenção para um aspecto fundamental. Existe uma ligação profunda entre o processo educativo e os demais processos essenciais à vida de uma sociedade: a atividade política, econômica, cultural. O processo educativo não é apenas uma atividade humana entre outras, mas uma dimensão inerente a qualquer atividade do homem como ser social. Dentro desta visão a tarefa educativa não se limita ao caso particular do sistema formal de educação. Não é ela privilégio do educador.

A educação, segundo o autor, visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos de sua história e não como objetos. Freire afirma que "Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos" (2001:40). Corroborando com essa afirmação, Paulo Freire, realça a idéia de que:

O que, sobretudo, me move a ser ético é saber que, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo, sem jamais negar meu sonho ou minha utopia aos educandos, respeitá-los. Defender com seriedade, rigorosamente, mas também apaixonadamente, uma tese, uma posição, uma preferência, estimulando e respeitando, ao mesmo tempo, ao discurso contrário, é a melhor forma de ensinar, de um lado, o direito de termos o dever de "brigar" por nossas idéias, por nossos sonhos e não apenas de aprender a sintaxe do verbo haver, do outro, o respeito mútuo (FREIRE, 2002, p. 78).

Assim a família, os grupos sociais, a empresa, as associações de classe, os partidos políticos e qualquer outro tipo de organização social são chamados a desempenhar uma tarefa educativa. Em outras palavras, a prática educativa não é responsabilidade exclusiva dos profissionais reconhecidos pelo sistema, mas de todos os membros da sociedade. Freire aponta caminhos a serem percorridos ética e esteticamente na educação que perpassam desde a concepção da educação formal, ao compromisso, à coerência, ao respeito profissional e à mudança, na busca de sujeitos conscientes de seu papel numa sociedade democrática.

Então, vê-se que a estética, a ética e a política ganham um amparo como disciplina de caráter educativo dentro do serviço social, caráter esse que reflete na postura ética do assistente social em relação a seu posicionamento frente ao moral e imoral, ético ou anti-ético, ou seja, reconhecer e discernir entre o certo e o errado, trabalhar a questão do incorreto e optar por fazer o que é correto dentro da realidade dos fatos apresentado ao profissional no momento da abordagem a suas demandas sociais.

Contudo, o viés da filosofia como disciplina acadêmica reforça o caráter formador e didático da mesma na concepção de ética e moral do serviço social, sendo esses frutos da filosofia escolar que tem o intuito de ser a base que constrói os

conceitos na tarefa de orientar a conduta de uma área de atuação profissional, nesse caso, se faz obrigatória na assistência social, seria também um desafio da educação profissional transformar a conduta moral do profissional de serviço social, conceituando sua liberdade de atuação, emancipando e dando autonomia ao mesmo sem extrapolar os limites, espaços da profissão e invadir sem permissão a liberdade do outro a manter o sigilo ético das informações a esse prestadas e outra confidenciais e confiadas.

Assim sendo, vê-se até então a resistência que as práticas dessa profissão enfrentam por ser reconhecida com um olhar histórico desde seu começo como prática assistencialista, seu reconhecimento e afirmação como profissão que exige formação capacitada até o presente momento onde encontra-se necessidade de estar fazendo parte dos mais diversos setores sociais da nossa sociedade do século XXI.

Sem esquecer-se que, o antropólogo é quem vai usufruir dos serviços da assistência social no contexto das questões sociais disponibilizadas ao profissional da assistência social. A política que envolve essa área seria a de garantir acesso a todos aos serviços gratuitos e garantidos por lei a quem dela necessitar e tiver perfil para ser incluso, atendido, assistidos e acompanhados por esse profissional de olhar clínico, crítico e investigativo, uma profissão instigante, desafiadora e cheia de desafios a serem enfrentados e superados.

2.3. O TEMPO E AS TRANSFORMAÇÕES SOB A VISÃO DE FOUCAULT

Como lidamos com o tempo da existência, quando temos a chance de trilhar os rumos do intempestivo movimento dos afetos, ou, então, de lamentar os tesouros perdidos? Revirar o presente no contemporâneo, o sujeito tem a chance de exercer um poder de escolha, que lhe dá a ilusão de uma liberdade, mas, na verdade, essa escolha precisa se dar entre incontáveis formas já definidas por modos capitalísticos de existir. Ele exerce, muitas vezes, a liberdade da imitação, ou da apropriação de discursos e práticas que o conectam à realidade estabelecida e o fazem pertencer a um universo estereotipado. Nesse cenário, a noção de 'cuidado de si' aparece dando contorno a essas formas discursivas: ocupar-se de si tem o sentido de uma boa

vontade consigo mesmo, um amor a si próprio, um interesse individual e egoísta necessário à manutenção do consumo desses modos capitalísticos de existir (Foucault, 2006).

Assim, o exercício do pensamento passa a ser cada vez mais desconsiderado. Foucault é um autor que pode nos oferecer muitas ferramentas conceituais capazes de revirar o presente que retratamos sobre a estética, ética e política. Uma delas é a crítica, uma potência que nos possibilite perguntar sobre o domínio desses modos de produção de subjetividade capitalísticos e majoritários: “como não ser governado assim, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais objetivos e por meio de tais procedimentos, não dessa forma, não para isso, não por eles” (Foucault, 1978, p. 3).

Ao questionarmos as complexidades do tempo, podemos mergulhar em perguntas inventadas, pois elas acionam potências, que nos conectam com nossa própria estrangeirice. Podemos, então, questionar o presente, a fim de investir em uma revolução como o lugar de um entusiasmo, uma disposição humana para progredir num acontecimento permeado de virtualidades potenciais.

Dessa maneira, questionamos o que é preciso fazer desta vontade de revolução, no sentido de relançá-la a práticas envolventes e livres de mecanismos auto reguladores e morais (Foucault, 1984). Perguntamo-nos, pois, o que é precisamente esse presente ao qual pertencemos? E como operar com os modos de pertencimento e contaminação, com o intuito de fazer diferir corpo e pensamento, para operar em um plano de descolamento de discursos estabelecidos e deixar os corpos se desdobrarem em novas problemáticas de si? Conforme Fonseca, Engelman e Gomes (2006), ao falarmos na construção do presente, podemos pensar em estratégias de resistência e criação que auxiliem na invenção de mundos e novas formas de vida.

Assim, podemos registrar aquilo que é contemporâneo como o que se coloca como limite e, ao mesmo tempo, como possibilidade de superação. Ao invés de absorver todo o lixo capitalístico que nos assombra, é possível fechar o corpo a produtos vulgares, para abrir afeto e pensamento a uma atenção sensível que se liga a outras reverberações, inesperadas e absortas em complexidades singulares. A

problemática do presente não concerne apenas ao domínio racional, pois há uma outra face da revolução, a do combate contra o presente em favor de um futuro que virá. Mas é preciso compreender o futuro não como uma mera consequência do presente que vivemos; isso amarraria o porvir ao nosso vergonhoso presente.

O autor retoma as práticas do cuidado de si da Grécia Antiga como uma possibilidade de criticar tanto as noções cristãs quanto as formas capitalísticas de cuidado de si. No cristianismo, essas noções estão associadas à salvação através de uma renúncia de si mesmo que culpabiliza qualquer prática que se refira a uma atenção a si, pois estas são encaradas como um egoísmo, um não pensar no próximo. Enquanto que, os modos capitalísticos apontam um cuidado de si individualista e serializado, que se torna uma abdicação de singularidade.

No intuito de traçar um paralelo entre esses pensadores sociológicos em parceria com os pensadores filosóficos, contrastando correntes políticas de cunho sociológicos e capitalistas leva-nos a enxergar que o serviço social não é uma prática meramente cristã ou um ato a ser praticado para garantir a salvação eterna da alma e ter o lugar garantido no paraíso e não ser condenado ao fogo do inferno por encolher a mão ao ajudar ao seu semelhante.

Falamos de uma doutrina complexa sagrada que é o serviço social, que independente da visão que se tenha desse, ele sempre irá buscar fazer o correto e prestar contas de suas ações com toda convicção de que seguiu os ordenamentos das letras da doutrina que inspiram o serviço social a ser praticado como uma religião, fiel em seus preceitos, sagrado em seus conceitos teóricos, práticos e metodológicos, professando uma prática transparente onde não se admite máculas.

Se comparar-se a veracidade dessa profissão, ver-se que essa é tão justa nas suas decisões quanto a estáticas não mentem quando bem aprendida nas cadeiras da faculdade de serviço social, ou seja, essa área busca se envolver com o indivíduo usando-se das relações públicas, sociais, pessoais, interpessoais e intrapessoais, ela demanda traquejo em saber transitar nos diversos ambientes, compostos pelos mais diversos sujeitos, permeada de diversidades e adversidades para alcançar seu objetivo que é oferecer o bem estar de quem necessita de seus serviços e mão de obra qualificada para que isso seja efetivado de maneira segura, concreta, definitiva

ou de maneira continuada com acompanhamento do especialista em serviço social ou de outro profissional se necessário o for.

Na economia, o serviço social busca sanar as dificuldades que seus usuários encontram na procura por uma vida estabilizada, fornecer subsídios para que o sujeito tenha condições por si só de engarilhar condições para ter-se uma vida de qualidade com padrão elevado de acordo com o perfil desse sujeito, é fazer do mesmo um ser emancipado, laico, independente, autônomo, pensante, reflexivo, conhecedor de seu papel como cidadão, usuário de seus direitos e cumpridor de seus deveres cívicos, é fazer do cidadão um sujeito de direitos e deveres, apto em fazer escolhas corretas e a viver em sociedade.

2.4. OS DESAFIOS DE TRANSFORMAR A SI MESMO EM SUJEITO MORAL DE SUA CONDUTA

Porém, o trabalho ético sobre si mesmo não pode ser encarado como uma conformação dos sujeitos a princípios e regras dadas, mas o trabalho de “transformar a si mesmo em sujeito moral de sua conduta” (Foucault, 2006, p. 213). O conhecimento de si não se dissocia de uma produção de si e do mundo. Enquanto a moderna consciência de si procura um retrato, estático e essencial do sujeito, o conhecimento de si trazido por Foucault implica uma relação, um processo, uma dimensão ética na constituição de uma existência moral e não a simples adaptação a regras estabelecidas.

Isso coloca a liberdade como exercício e a constitui como uma questão eminentemente política, pois um escravo não tem ética. Uma vez que o ethos era a maneira de ser e de se conduzir, era isso que caracterizava a liberdade como uma prática concreta e problematizante da realidade (Foucault, 2006). Nessa perspectiva, liberdade nada tem a ver com as discursividades modernas que fizeram dela uma simples liberação de uma essência reprimida por interdições morais, ou com o livre arbítrio individual de ir, vir e escolher as opções já dadas. “A interdição é uma coisa, a problematização moral outra” (Foucault, 2006, p. 198).

Formar um indivíduo livre, ético/político/moral, capacitado, responsável e

imponderado, é ressignificar, ou seja, dar um novo significado a hipotética realidade do cidadão, usando essa mesma realidade avessa ao transformá-la em oportunidades de acesso à sociedade e seus meios/bens de consumo, ofertando igualdade ao tratar os iguais como os iguais e os diferentes como diferentes dentro da sua normalidade, anormalidade e realidade em prol e em defesa dos direitos humanos e ambientais no uso da Constituição Cidadão de 1988, da República Federativa Democrática Brasileira em consonância com a Carta dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1945 da qual o Brasil é signatário.

O serviço social em si tem o caráter conciliador-reconciliador e inclusivo socialmente ao colocar ou recolocar como destaque o respeito de garantia ao mínimo necessário para a manutenção da dignidade da vida humana conforme Artigos 1º e 6º da Constituição Federal de 1988, dentre outros documentos dos quais trazem à tona a manutenção de toda forma de manifestação de vida em sua livre expressão, dando oportunidades para que todos possam viver seu livre direito de cidadania.

Direitos fundamentais tais como os de ir e vir, de participar de todos os eventos dos quais possam promover-lhe oportunidades de socialização, promoção de integração, reintegração, educação, reeducação, habilitação e reabilitação social, fidedigna com suas redes de pertencimentos, apoderando-se de sua condição humana onde vê-se o homem que constrói e reconstrói sua própria história e identidade de acordo com suas necessidades físicas, biológicas, fisiológicas e espirituais, daí o desafio de transformar a si mesmo em sujeito moral de sua conduta.

2.5. A LIBERDADE E RESISTENCIA DENTRO DO CONCEITO DA ESTÉTICA ÉTICA E POLÍTICA

Neste sentido, há uma relação de reciprocidade entre poder, liberdade e resistência. A relação consigo pode ser uma das origens dos pontos de resistência às práticas de dominação. Deleuze (2005) afirma que, afetada pelas relações de poder e pelas relações de saber, a relação consigo não pára de renascer, em outros lugares e em outras formas. Encontrar o Fora A noção de sujeito na obra de Foucault devolve a esse conceito toda sua potência plástica e criadora, uma vez que o entende como

uma dobra do Fora capaz de articular todo o dizível e todo o visível através dos jogos de saber e poder que se movimentam através dele.

Deleuze (2005) argumenta que Foucault aborda uma relação consigo, que começa numa derivação da relação com os outros. Essa derivação supõe relações com o lado de fora, que se curvam para formar um forro, um rasgão, uma imaginação que opera uma dobra. O que pertence ao lado de fora é a força. O sujeito seria um produto de uma dobra dessa força, o que o caracterizaria como um processo de subjetivação, uma existência estética, isto é, um afeto de si por si através da relação com as forças do Fora, com as forças da alteridade. Enfim, esta é a regra facultativa do homem livre. Ao problematizarmos o presente enquanto tempo vivido, podemos Mas é importante ressaltar que, se falamos de um fora, não dizemos de uma parte excluída que deveríamos incluir em nosso universo de compreensão.

Trava-se, aqui, um trabalho sobre a própria existência, como uma envergadura de forças e seus embates. Nesse caso, o tempo como subjetivação se chama memória, num exercício de dobrar e desdobrar que se diferencia do tempo cronológico. Então, tempo e subjetividade se aproximariam na compreensão do sujeito como dobra do próprio tempo. Dobras que vão construindo histórias embrulhadas, formas de existência em coextensão com o Fora, mas ao mesmo tempo.

É com o fora, que o sujeito irá questionar-se a si mesmo: Onde encontro-me Dentro nas realações humanas? Qual o meu papel? O que posso e o que não posso? Quem ou o que exerce ou não poder e influência sobre mim? A qual grupo pertencço? Afinal, quem sou eu? De onde vim? Por que vim? Para onde vou? Qual meu passado? Qual meu presente e qual será o meu futuro? Sou um fruto de qual tipo de relação? De qual o meio vem minha procedência? Onde melocalizo-me no tempo e espaço? O meio ambiente devo eu respeita? Ser ou não ser. Eis a questão SHAKESPEARE, 1676). Ser o quê? Ser um ser social e sociável.

O serviço social, vem a auxiliar o indivíduo a reencontrar-se com suas origens e procedencias, lembrar o sujeito de suas raízes, inclui-lo no dentro dos significados dados a existência da qual partiu seus questionamentos referentes si, ou seja, os movimentos sociais, as relações sociais, chamadas de questões sociais de grupos de classe representados por minorias que lutam pela garantia efetiva de seus direitos e

interesses enquanto categoria excluída as margens da sociedade capitalista, burguesa e por muitas vezes burocrática e excludente, o serviço social tem o papel de legitimar sua ação de intervenção na realidade dessas personagens no que tange coloca-los dentro das políticas públicas sendo assistidos como cidadãos de direito com direito de exercer sua cidadania fundamentados na Constituição Cidadã de 1988.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse desmanchamento teria, então, a potência de se reafirmar enquanto expressão, enquanto estética de uma existência singular. Assim, a função-autor, em nossa cultura, se caracteriza por um discurso que implica o autor como foco de expressão que pode manter esta relação com uma unidade de escrita, atuando de tal forma que daria lugar à dispersão. A função autor é uma das especificações possíveis da função sujeito. Logo, autor de si e do mundo, um sujeito se redobra em novos focos de resistência, ao lidar com saberes e poderes de um modo estranhamente livre e envolto em subjetivações estéticas (Foucault, 2006b). Agamben (2006) retoma o texto de Foucault ao salientar a dispersão da função transdiscursiva que constitui o autor, para além dos limites de sua obra, em um instaurador de discursividades.

A função autor surge como um processo de subjetivação, a marca de um escritor que passa a existir na singularidade de sua ausência. Trata-se de ocupar o lugar de um morto, de um sujeito-autor que se constrói nos vestígios de sua ausência, de sua improntidão, pois, assim como o mundo, está sempre por se fazer, constituindo-se um foco de resistência, como uma espécie de luta pela subjetividade que se apresenta como direito à diferença e à variação, em direção à metamorfose. Para Costa e Fonseca (2007), podemos investigar as interações entre práticas, em seus atravessamentos múltiplos e lacunares, para ficcionar um percurso, sem origem ou fim, para compor operadores estratégicos de intervenção, sobre A ÉTICA.

Sabe-se que nada é totalmente conclusivo. Considera-se finalmente que esse trabalho de pesquisa bibliográfica, teve o objetivo de colaborar com a sociedade assistencialista, dando mais algumas opções de atuações criativas aos docentes e discentes no que diz respeito à prática didática-pedagógica referentes às disciplinas

ministradas no curso de serviço social, onde nos primeiros semestres, essas mesmas disciplinas que são vistas muitas vezes como desinteressantes, sem fundamentos, chatas, repetitivas e tediosas ou desassociadas do curso.

Também muitas vezes esbarramos nelas em vários cursos, mas com nomes diferentes, com as mesmas finalidades, denomina-se núcleo comum as disciplinas afins e núcleo específico as disciplinas específicas que caracterizam, originam e identificam o saber específico do curso de bacharelado em serviço social, é nas disciplinas básicas que nesse caso o referido curso, tem sua origem e sua história, que faz dela uma área de atuação humana e social, não tão menos científica.

As disciplinas básicas é o serviço social, é delas que saem a necessidade de criar disciplinas específicas para compor o curso de serviço social, sem elas, não saber-se-ia onde o serviço social se encaixa e para que ele serve, são as demandas dessas disciplinas que compõe a sociedade, o meio e o ambiente que buscam no serviço social resolver, suas questões como por exemplo a luta de classes.

Enfim, o serviço social deve ser encarado, estudado e praticado como uma área específica do conhecimento que absorve teoria e prática, composta por fragmentos de outras áreas que fornecem subsídios teóricos, práticos e metodológicos a esse, carece de intervenção de competência técnica formada, qualificada, experiente e certificada, aqui o profissional obrigatoriamente no uso da empatia e altruísmo exhibirá sua capacidade, domínio, autoridade, propriedade, exatidão, convicção, respeito e reconhecimento em face as nuances apresentadas a ele, no mínimo cobra-se desse agente transformador reconhecer qual ou quais as redes de pertencimentos preenche o perfil de seu cliente e clientela.

Se faz necessário, passar pelas disciplinas básicas, fundamentais e basilares do serviço social para adentar especificamente no mesmo e com certeza e exatidão poder intervir na realidade conhecendo e reconhecendo seu histórico, os fundamentos que sustentam o serviço social quanto carreira de trabalho, quanto campo de estudos específicos, trassou-se um paralelo ao comparar-se as áreas do conhecimento como disciplinas teóricas introdutórias ao serviço social propriamente dito.

Ética, estética e política no serviço social: educação transformadora do profissional de serviço social, teve como esclarecer que essa profissão também

carece de uma forma de educação específica para preparar pessoas para atuarem na mesma e preparar pessoas para serem assistidos por esse ramo trabalhista de maneira isonômica, educacional, social e assistencial, voltada as questões sociais e ambientais, de cunho acadêmico e digna de ser reconhecida como campo científico e estudada sem rotulações.

Por fim, é conhecer a raiz dos males que configurou formalizar essas profissão enquanto prática, dessas disciplinas quanto área específica do conhecimento, que surgiu a árdua tarefa de assistencializar (assistir) um indivíduo ou grupo em situação de abandono, descaso, desprezo, vulnerabilidade social, incapacidade por qualquer que seja, independente de credo, cor, raça, sexo, profissão, posição social, estatus, condições financeiras, nacionalidade, regionalidade, cultura, língua etc, acabando com o esteriótipo de marginalização do cidadão, causando uma ruptura entre a marca deixada e o agente causador da marca, ou seja, vê-se o mesmo como marginal ou marginalizado, coma má pessoa ou influência e não em seu sentido próprio como alguém largado a própria sorte as margens da sociedade vivenciando a luta desleal de classes recorrente de uma desigualdade social. Todos somos iguais perante a Lei de Deus e perante a Lei dos Homens.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. (2006). O autor como gesto. Profanações. Lisboa: Cotovia. Costa, L. A.; Fonseca, T. M. G. (2007). **Do Contemporâneo: o tempo na história do presente**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 59, 2, 110-119.

BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. 8^e éd. corrigée. Paris: PUF, 1996.

BARROS. FILHO, C. de; CORTELLA, M. S. Ética no cotidiano. São Paulo: Café Filosófico. **Sempre Um Papo**. 28 de maio de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/AqpdZclDclQ?t=74>. Acesso em: 07 mar. 2022.

DELEUZE, G. (2007). **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva. Deleuze, G. (2005).

FONSECA, T. M. G.; Engelman, S.; Kirst, P. G. (2006). **A revolução do presente**. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 18, 2 (jul./dez.), 83-92.

FORENSE UNIVERSITÁRIA. Foucault, M. (2006b). Estética: literatura e pintura, música e cinema. Manoel Barros de Motta (org.). **Ditos e Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FREIRE, P.; Ira, S. . **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'gua, 1997. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5098764/mod_resource/content/1/Professora %20sim%2C%20tia%20n%C3%A3o%20cartas%20a%20quem%20ousa%20ensinar. %20%281997%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5098764/mod_resource/content/1/Professora%20sim%2C%20tia%20n%C3%A3o%20cartas%20a%20quem%20ousa%20ensinar.%20%281997%29.pdf). Acesso em: 02 mar. 2022.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. 1954-1988. Édition de Daniel Defert, François Ewald e Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994. 4 v. (original)

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. v. II.

FOUCAULT, M. (1984). História da sexualidade: o uso dos prazeres (Vol. II). Rio de Janeiro: Graal. Foucault, M. (1990). **O que é a crítica?** [Crítica e Aufklärung].

FOUCAULT, M. (1990). O que é a crítica? [Crítica e Aufklärung]. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**, 82, 2 (avr-juin.), 35-63, (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Gabriela Lafeté Borges (trad.), Wanderson Flor do Nascimento (revisão). Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filosco/foucault>. Acesso em: 02 mar. 2022.

FOUCAULT, M. São Paulo: Brasiliense. Derrida, J. (2003). **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. (Trad. de Antônio Romane). São Paulo: Editora Escuta.

FOUCAULT, M. (2006). Ética, sexualidade, política. Manoel Barros de Motta (org.). **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5.

LEVY, T. S. (2003). **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

MUCHAIL, S. T. (2009). **A Propósito do Título a Hermenêutica do Sujeito**. Revista de Filosofia Aurora, vol. 21, nº 28, maio de 2009, Curitiba: Editora Champagnat, 21, 28 (jan./jun.), p. 79-86, doi:10.7213/rfa.v21i28.1144. Recebido em: 31/05/2010. Aceito em: 15/09/2010.

SHAKESPEARE, W. **Peça A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca.** Escrita entre 1599 e 1601, Primeiro Fólio, 1623, ato III, cena I, p. 572. Londres, 1676.